

DIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS DE OUVIDORES DE VOZES EM UM CAPS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

LUIZA HENCES DOS SANTOS¹; MARIANA DIAS DE ALMEIDA²; MARIA LAURA
DE OLIVEIRA COUTO³; ROBERTA ANTUNES MACHADO⁴; LUCIANE PRADO
KANTORSKI⁵

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – h_luiza@live.com 1

²Universidade Federal de Pelotas 2 – almeidamarianadias@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas – lauracouto@uol.com.br 3

⁴Universidade Federal de Pelotas – roberta.macha@riogrande.ifrs.edu.br 4

⁵Universidade Federal de Pelotas – kantorski@uol.com.br 5

1. INTRODUÇÃO

No final da década de 80, na Holanda, teve início o Movimento de ouvidores de vozes, iniciado e difundido pela ouvidora de vozes Patsy Hage, com inquietações referentes ao modo como sua experiência de ouvir vozes era patologizada, e seu psiquiatra Marius Romme. A partir da identificação de outros ouvidores os dois realizaram workshops e grupos de mútua ajuda, o que mais tarde culminou na criação do Movimento, da rede Intervoice e tantas outras organizações para ouvidores de vozes na Europa (KANTORSKI; ANDRADE; CARDANO, 2017).

À luz da reforma psiquiátrica, o Movimento de ouvidores de vozes aborda uma nova perspectiva sobre essa experiência. Como afirmam KANTORSKI et al. (2017), os ouvidores de vozes têm expertise por experiência, dessa que é uma experiência íntima e que não deve ser atrelada ao sofrimento ou alguma patologia. Além disso, existem estratégias para o bom convívio com as vozes, é preciso superar os estigmas da psiquiatria tradicional, a super medicalização, e considerar o suporte dos grupos de ajuda mútua.

Para FERNANDES e ZANELLO (2018) essa abordagem não patológica sobre o ouvir vozes, é benéfica tanto para os ouvidores de vozes quanto para os amigos, familiares e profissionais. E atinge também o campo da ciência da saúde, visto que vêm sendo desenvolvidas pesquisas com esse viés, que contribuem para a busca da independência dos usuários dos serviços de saúde mental que ouvem vozes.

O presente estudo objetiva demonstrar a prevalência de diagnósticos psiquiátricos em ouvidores de vozes usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Ouvidores de Vozes: novas abordagens em saúde mental” que está sendo realizado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) tipo II do município de Pelotas-RS, o recorte considerou o período de setembro de 2017 à janeiro de 2018, e foram utilizados para coleta de dados 394 prontuários de usuários ativos do CAPS.

O projeto respeitou os preceitos éticos da resolução 466/12 e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob parecer nº 2.201.138 de 2017.

A construção do banco de dados se deu no software Microsoft Office Excel 2007 com passagem para o pacote estatístico Stata 11.1, onde foram conduzidas

as análises. Para este estudo, avaliou-se a questão “Existe registro no prontuário sobre “ouvir vozes”?”. Como variáveis independentes incluiu-se dados sócio demográficos (sexo, idade, estado civil, escolaridade) e diagnóstico psiquiátrico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra, no período considerado para este trabalho, foi de 394 usuários, dos quais 46,4% (183) ouvem vozes. Quanto ao perfil desses usuários ouvidores de vozes obteve-se que 63,9% (117) são mulheres, 44,4% (80) tem idade entre 46 e 60 anos, 37,3% (62) são casadas ou residem no mesmo local que o companheiro, 53,7% (58) tem a escolaridade ensino fundamental incompleto.

Após análise dos diagnósticos psiquiátricos encontrados nos registros dos usuários que ouvem vozes, e desconsiderando o valor das respostas ignoradas, obteve-se como resultado que o diagnóstico mais prevalente entre os ouvidores é o transtorno depressivo (36,84%; 63), seguido por esquizofrenia (30,99%; 53), transtorno afetivo bipolar (11,7%; 20), retardo mental (11,7%; 20) e o agrupamento dos transtornos neuróticos, de “estresse” e somatoformes (5,26%; 9).

No estudo de MUÑOZ et al. (2011), realizado em um CAPS do Rio de Janeiro, com uma amostra de 38 participantes, todos ouvidores de vozes, foram encontrados resultados diferentes dos da presente pesquisa. Dos 38 participantes, a maioria era do sexo masculino (26), com idade entre 19 e 45 anos (20) e com diagnóstico psiquiátrico mais prevalente de esquizofrenia (25). Os autores trazem a possibilidade de a escuta estar relacionada com o diagnóstico esquizofrênico pela necessidade de organização, fixação e exteriorização de uma experiência real.

É indispensável ressaltar que a coleta de dados do presente estudo foi desenvolvida dentro de um serviço de saúde mental, portanto, os resultados são relativos a população atendida neste serviço que, possivelmente, tem características socioculturais, ambientais, redes de apoio, e tantos outros fatores determinantes para o seu processo de reabilitação social, diferentes de outros locais e serviços.

BARROS e SERPA JR (2017) destacam que o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes constatou que muitos ouvidores não se sentem incomodados com a presença das vozes ou encontram maneiras diversas para lidar com elas, esses ouvidores, muitas vezes, optam por não procurar os serviços de saúde mental. Se tratando do estudo de uma nova abordagem para com os ouvidores e as vozes essa informação é extremamente importante, visto que desvincula experiência e diagnóstico.

4. CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou criar um perfil dos ouvidores de vozes de um serviço de saúde mental, além de demonstrar a grande quantidade de ouvidores presentes nesse serviço. A partir disso é possível direcionar ações e criar estratégias a nível de gestão, ensino e serviço para atender essa demanda.

Além disso, a análise dos diagnósticos permite compreender melhor quem são os ouvidores de vozes deste serviço e quais são suas necessidades em saúde mental, oportunizando a reflexão acerca de uma nova abordagem, centrada no indivíduo, contemplando a voz como parte do ser e não da doença, como proposto pelo movimento de ouvidores de vozes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, O. C.; SERPA JR, O. D. de. Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. **Physis**, v. 27, n. 4, p. 867-88, 2017. Disponível em: <www.scielo.br/physis>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FERNANDES, H. C. D.; ZANELLO, V. O GRUPO DE OUVIDORES DE VOZES: DISPOSITIVO DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL. **Psicologia em Estudo**, v. 23, n. 2, p. 117-28, 2018. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

KANTORSKI, L. P.; ANDRADE, A. P. M. de; CARDANO, M. Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini. **Interface**, v. 21, n. 63, p. 1039-48, 2017. Disponível em: <<http://interface.org.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

KANTORSKI, L. P. et al. Grupos de ouvintes de vozes: estratégias e enfrentamentos. **Saúde em Debate**, v. 41, n. 115, p. 1143-55, 2017. Disponível em: <<http://www.saudeemdebate.org.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

MUÑOZ, N. M. et al. Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 16, n. 1, p. 83-89, 2011. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 28 ago. 2018.